

Índice

Introdução: Como podemos ler hoje Edith Wharton?	7
<i>Os Costumes do País</i>	
Livro I	19
Livro II	113
Livro III	229
Livro IV	309
Livro V	347

Livro I

I

“Undine Spragg — *como* és capaz?” , queixou-se a mãe dela, levantando uma mão prematuramente enrugada, pesada de anéis, para proteger o bilhete que um lânguido “moço de recados” tinha acabado de trazer.

Porém, esse seu gesto de proteger o bilhete revelou-se tão débil quanto o seu protesto, tendo continuado a sorrir para a sua visita ao mesmo tempo que a menina Spragg, com um menear dos seus dedos jovens e céleres, se apoderava da missiva e se afastava na direção da janela para ler o seu conteúdo.

“Acho que é para mim”, limitou-se ela a dizer à mãe num tom displacente por cima do ombro.

“Já viu coisa *assim*, Sra. Heeny?”, perguntou a Sra. Spragg em voz murmurada com uma mistura de orgulho e censura. A Sra. Heeny, uma mulher robusta de aspeto eficiente, com um impermeável, um véu gasto caído para trás e uma bolsa já muito coçada em pele de crocodilo aos pés, acompanhou o olhar da mãe com bem-humorada aprovação.

“Nunca vi figura mais adorável”, concordou, respondendo mais ao espírito do que à letra da pergunta da sua anfitriã.

A Sra. Spragg e a sua visita encontravam-se pomposamente instaladas em duas poltronas douradas numa das salas de estar privadas do Hotel Stentorian. Os aposentos dos Spragg eram conhecidos como uma das *suites* Looney, e as paredes da sala de estar, por cima dos lambris de mogno impecavelmente polidos, estavam cobertas com damasco de cor salmão e adornadas com retratos ovais de Maria Antonieta e da Princesa de Lamballe. Ao centro da florida carpete, uma mesa dourada com um tampo em ónix mexicano sustinha uma folha de palmeira num cestinho dourado

que um laço cor-de-rosa adornava. Mas, à exceção deste ornamento e de um exemplar de *O Cão dos Baskervilles*, pousado mesmo ao lado, a sala não apresentava quaisquer marcas de uso humano, e a própria Sra. Spragg parecia estar absolutamente alheada de tudo, como se fosse uma figura de cera numa montra. O seu vestuário era suficientemente elegante para justificar semelhante postura, e tanto as suas faces pálidas e macias como as suas pálpebras um tanto intumescidas e os cantos descaídos da sua boca eram sugestivos de uma figura de cera parcialmente derretida que acabara por gerar o seu próprio duplo queixo.

A figura da Sra. Heeny, pelo contrário, aparentava uma solidez e uma realidade bastante tranquilizadoras. A forma como a sua corpulenta figura de negro assentava na poltrona e as suas grandes mãos vermelhas agarravam os braços dourados da mesma davam a entender uma organização e uma autoconfiança no seu ofício que encontravam justificação no facto de a Sra. Heeny ser uma manicura e massagista da alta sociedade. Para a Sra. Spragg e respetiva filha, desempenhava o duplo papel de manipuladora e amiga; e fora precisamente na qualidade de amiga que, terminado o seu trabalho diário, se permitira descansar durante alguns instantes para “animar” as solitárias senhoras do Stentorian.

Houve uma súbita alteração nos adoráveis traços do rosto da jovem rapariga cuja “figura” conquistara o encómio profissional da Sra. Heeny assim que ela se voltou, ficando de costas para a janela.

“Tome... afinal pode ficar com ela”, disse, amarrotando a folha de papel e lançando-a com um gesto desdenhoso para o colo da sua mãe.

“Ora... então não é do Sr. Popple?”, exclamou uma Sra. Spragg apanhada de surpresa.

“Não... não é. O que é que a levou a pensar que era?”, respondeu de rajada a filha; logo a seguir, porém, acrescentou com súbita e infantil decepção: “É só um bilhete da irmã do Sr. Marvell... pelo menos, é o que ela diz que é.”

Desconcertada e de sobrolho franzido, a Sra. Spragg pôs-se à procura dos óculos entre a franja cor de azeviche que lhe cingia a fronte.

Os pequenos olhos azuis da Sra. Heeny chispavam de curiosidade. “Marvell... Que Marvell é esse?”

A rapariga explicou algo enfadada: “Um homenzinho qualquer... Acho que o Sr. Popple disse que se chamava Ralph.” E, nisto, a mãe prosseguiu: “A Undine conheceu-os aos dois ontem à noite, naquela festa que fizeram

lá em baixo. E, por causa de qualquer coisa que o Sr. Popple lhe tinha dito acerca de ir a uma das peças que vão estrear, ela pensou...”

“E como sabe você o que eu pensei ou deixei de pensar?”, replicou Undine, e os seus olhos cinzentos lançavam já sinais de aviso à mãe sob as pestanas negras e arranjadas.

“Ora, tu *disseste* que pensavas...”, começou a Sra. Spragg por dizer em tom de acusação; mas a Sra. Heeny, indiferente àquelas provocações mútuas, não perdeu de vista a sua linha de raciocínio.

“Que Popple é esse? Claud Walsingham Popple — o retratista?”

“Sim... acho que é esse. Disse-me que gostaria de pintar o meu retrato. Foi a Mabel Lipscomb que mo apresentou. Pouco me rala se nunca mais o voltar a ver”, disse a rapariga, banhada numa tez rosada de irritação.

“Conhece-o, Sra. Heeny?”, inquiriu a Sra. Spragg.

“Parece-me bem que sim. Fiz a manicura para o seu primeiro retrato de sociedade — um retrato de corpo inteiro da Sra. Harmon B. Driscoll.” A Sra. Heeny contemplou as suas ouvidas com um sorriso complacente. “Eu conheço toda a gente. E, se as pessoas não *me* conhecem, quer dizer que não estão em voga, ao contrário da Claud Walsingham Popple, que está em voga. Quanto a ele, está longe de estar *tanto* em voga quanto o Ralph Marvell”, continuou ela, sentenciosa, “o homenzinho, como você lhe chama.”

Ao ouvir esta palavra, Undine Spragg virou-se de imediato para a Sra. Heeny com uma daquelas rápidas rotações do corpo que revelavam a sua jovem agilidade. Estava sempre a torcer-se e a dobrar-se sobre si mesma, e cada movimento que fazia parecia começar na nuca, mesmo por baixo do rolo arrebitado de cabelo entre o avermelhado e o dourado, e espriar-se sem interrupção por toda a sua esbelta altura até alcançar as pontas dos seus dedos e dos seus pezinhos delicados e irrequietos.

“Então conhece os Marvell? São elegantes, *eles*?”, perguntou.

A Sra. Heeny fez o gesto desanimado da pedagoga que se esforçou em vão por incutir alguns conhecimentos rudimentares numa mente rebelde.

“Não posso crer, Undine Spragg. Já lhe falei neles vezes sem conta! A mãe dele era uma Dagonet. Moram com o velho Urban Dagonet lá para os lados de Washington Square.”

Para a Sra. Spragg, isto parecia aclarar ainda menos as coisas do que aos ouvidos da filha. “Tão longe? Porque é que moram com outra pessoa? Será que não têm posses para ter casa própria?”

Sendo de discernimento mais rápido, Undine fixou o olhar inquisitivo na Sra. Heeny.

“Quer dizer que o Sr. Marvell é tão fino como o Sr. Popple?”

“Tão *fino*? Ora, nem o Claud Walsingham Popple é da mesma classe!”

A rapariga pôs-se ao lado da mãe num salto e logo lhe arrancou o bilhete das mãos, começando de imediato a alisá-lo.

“Laura Fairford... será esse o nome da irmã?”

“Sra. Henley Fairford, sim. O que diz ela no bilhete?”

O rosto de Undine iluminou-se como se um raio de sol vespertino o tivesse atingido através das janelas do Stentorian, tapadas com três cortinas.

“Ela diz que quer jantar comigo na próxima quarta-feira. Não é esquisito? Porque é que *ela* me está a convidar? Nunca me viu na vida!” O seu tom de voz dava a entender que há muito estava habituada a ser “solicitada” por pessoas que efetivamente a conheciam.

A Sra. Heeny riu-se. “*Ele* viu-a, não é verdade?”

“Quem? O Ralph Marvell? Ora, claro que viu — o Sr. Popple veio com ele à festa aqui no hotel ontem à noite.”

“Pronto, aí tens... Quando um jovem da alta sociedade deseja voltar a encontrar-se com uma rapariga, pede à irmã dele para a convidar.”

Undine ficou a olhar para ela com um ar incrédulo. “Que coisa esquisita! Mas nem todos têm irmãs, não é verdade? Deve ser uma grande chatice para os que não as têm.”

“Têm as mães... ou amigas que já casaram”, disse a Sra. Heeny com ar de quem sabe tudo.

“Cavalheiros casados?”, inquiriu a Sra. Spragg, um tanto chocada, se bem que verdadeiramente desejosa de conseguir dominar a fundo aquela lição.

“Não, por Deus! Senhoras casadas.”

“Mas nunca há cavalheiros presentes nessas situações?”, prosseguiu a Sra. Spragg, pressentindo que Undine ficaria certamente desiludida se fosse esse o caso.

“Em que situações? Nos jantares? Claro que há — a Sra. Fairford organiza os jantares mais elegantes de toda a cidade. Ainda no *Town Talk* desta manhã saiu a crónica de um que ela deu na semana passada. Acho que a tenho aqui guardada entre os meus recortes.” Baixando-se para rebuscar a sua bolsa, a Sra. Heeny retirou do seu interior uma mão-cheia de recortes de jornal, que começou a espalhar sobre o seu amplo colo antes

de os passar em revista com a ponta do dedo humedecida. “Aqui está”, disse, segurando uma tira de jornal junto ao braço estendido; e, atirando a cabeça para trás, começou a ler numa espécie de cântico vagaroso e sem pontuação: “‘A Sra. Fairford deu mais um dos seus excelsos jantares na passada quarta-feira, e, como vem sendo habitual, tratou-se de uma ocasião elegante, intimista e restrita, tendo havido um considerável ranger de dentes entre os que ficaram de fora, uma vez que Madame Olga Loukowska apresentou alguns dos seus novos *pas* de dança após o jantar’ — isto em francês quer dizer ‘novos passos de dança’”, concluiu a Sra. Heeny, voltando a enfiar os documentos na sua bolsa.

“Também conhece a Sra. Fairford?”, perguntou Undine com avidez, ao mesmo tempo que uma Sra. Spragg impressionada, se bem que ansiosa por factos, prosseguiu o inquérito: “Ela mora na Quinta Avenida?”

“Não, tem uma casinha na Thirty-eighth Street, um pouco mais abaixo de Park Avenue.”

O desânimo voltou a estampar-se no rosto das duas senhoras, e a massagista apressou-se a dizer: “Mas é sempre recebida com o maior prazer nas grandes mansões! — Ora, conheço-a, pois”, disse, dirigindo-se a Undine. “Ainda há um par de anos lhe fiz uma massagem por causa de uma entorse no tornozelo. É muito refinada, mas não tem conversa *nenhuma*. Algumas das minhas clientes são excelentes conversadoras”, acrescentou a Sra. Heeny com discernimento.

Undine continuava a matutar no bilhete. “O facto é que vem dirigido à mãe — Sra. Abner E. Spragg —, nunca vi coisa tão invulgar! ‘*Permite* que a sua filha jante comigo?’ *Permite*! Esta Sra. Fairford é uma pessoa peculiar?”

“Não... você é que é”, disse a Sra. Heeny sem rodeios. “Então não sabe que na alta sociedade é costume fingir-se que as raparigas não podem fazer nada sem a autorização das mães? Lembre-se disso, Undine. Não deve aceitar convites de cavalheiros sem dizer que tem de pedir primeiro à sua mãe.”

“Misericórdia! E como saberá a minha mãe o que deve ou não deve dizer?”

“Ora, ela dirá aquilo que a menina lhe disser para dizer, naturalmente. E o melhor é dizer-lhe que quer jantar com a Sra. Fairford”, acrescentou uma Sra. Heeny bem-humorada enquanto fechava o impermeável e se baixava para pegar na sua bolsa.

“Devo então ser eu a escrever o bilhete de resposta, não é assim?”, perguntou a Sra. Spragg com crescente inquietação.

A Sra. Heeny ponderou. “Ora, não. Acho que pode ser a própria Undine a escrevê-lo, fazendo-se passar por si. A Sra. Fairford não conhece a sua letra.”

Isto foi um evidente motivo de alívio para a Sra. Spragg, e, assim que Undine se dirigiu de imediato para o seu quarto com o bilhete, a sua mãe voltou a acomodar-se no assento, dizendo num murmúrio queixoso: “Oh, não vá já, Sra. Heeny. Tenho passado o dia sem ver viva alma, e também não me ocorre nada para dizer àquela criada francesa.”

A Sra. Heeny olhou para a sua anfitriã com amistosa compaixão. Estava bem ciente de que era o único ponto luminoso no horizonte da Sra. Spragg. Desde que os Spragg se tinham mudado da cidade de Apex para Nova Iorque, uns dois anos antes, haviam feito poucos progressos no sentido de estreitar relações no seu novo meio; e quando, cerca de quatro meses antes, o médico da Sra. Spragg mandara chamar a Sra. Heeny para prestar serviços profissionais à sua doente, acabara por fazer mais pelo espírito desta do que pelo seu corpo. Não era a primeira vez que a Sra. Heeny se confrontava com semelhantes “casos”: conhecia esta família rica e desamparada, deixada ao abandono no solitário esplendor de um sumptuoso hotel no West Side, com um pai forçado a procurar algo semelhante a uma vida social no bar do hotel e uma mãe privada até deste género de contacto com a sua espécie, reduzida como estava à enfermidade, à custa do aborrecimento e da inatividade. A pobre da Sra. Spragg tinha feito as suas próprias lavagens durante a juventude, mas, desde que a sua crescente fortuna tornara esta ocupação desadequada, acabara por se deixar cair na relativa inércia que as senhoras da cidade de Apex consideravam como sendo uma das prerrogativas da riqueza. Em Apex, porém, ela chegara a pertencer a um clube social, e, até se terem mudado para Mealey House, mantivera-se ocupada com a incessante labuta dos encargos domésticos; ao passo que Nova Iorque parecia não oferecer nenhuma esfera adequada a atividades para senhoras. Assim, era por interposta pessoa que ela se exercitava, nomeadamente com a ajuda da Sra. Heeny; e a Sra. Heeny sabia como manipular a sua imaginação tão bem como manejava os seus músculos. Era a Sra. Heeny que povoava a solidão dos longos dias espectrais com um animado anedotário que envolvia os Van Degen, os Driscoll, a Sra. Chauncey Elling e o marido, entre outras potestades sociais cujas ações mais insigni-

ficantes a Sra. Spragg e Undine tinham acompanhado à distância, através das páginas dos jornais de Apex, gente que se havia tornado tão mais remota desde que a largura do Central Park passara a ser a única coisa que separava mãe e filha dos seus pórticos olímpicos.

A Sra. Spragg não ambicionava nada em nome próprio — aliás, parecia ter transferido toda a sua personalidade para a filha —, e contudo havia resolvido com vontade férrea que Undine haveria de ter tudo quanto desejasse, e por vezes imaginava que a Sra. Heeny, que atravessava esses sagrados patamares com tanta familiaridade, poderia um dia conseguir que Undine tivesse acesso aos mesmos.

“Bom... eu fico mais um bocadinho, se quiser; e se eu lhe fizer as unhas enquanto falamos? Sempre é mais sociável”, sugeriu a massagista, pondo a bolsa em cima da mesa antes de cobrir a sua reluzente superfície em ônix com frascos e vernizes.

Anuindo, a Sra. Spragg fez deslizar os anéis que lhe cobriam os dedos das mãos pequeninas e sardentas. Era relaxante sentir-se entregue aos cuidados da Sra. Heeny, e, embora soubesse que estas atenções lhe custariam três dólares, tinha a certeza de que Abner não se importaria. Desde a sua partida bastante precipitada de Apex que se tornara claro para a Sra. Spragg que Abner tinha decidido não se ralar com semelhantes coisas — resolvido como estava a levar até ao fim a aventura nova-iorquina fosse a que custo fosse. E agora começava-lhe a parecer que esse custo seria considerável. Havia já dois anos que viviam em Nova Iorque sem que com isso tivessem tirado quaisquer benefícios sociais para a sua filha; e fora naturalmente com esse propósito em mente que se tinham mudado para lá. Se, na altura, houvera outras e mais prementes razões para essa mudança, nem a Sra. Spragg nem o seu marido chegavam a tocar alguma vez no assunto, mesmo na dourada intimidade do seu quarto de dormir no Stentorian; e o silêncio que entretanto se fizera sobre o assunto fora de tal modo absoluto que, para a Sra. Spragg, o mesmo se tornara inexistente: ela estava realmente convencida de que, como Abner punha a questão, tinham deixado Apex porque Undine era demasiado grande para essa cidade.

Até então, Undine — pobrezinha! — continuava a parecer demasiado pequena para Nova Iorque: impercetível, na verdade, no meio das suas indiferentes multidões; e a sua mãe tremia só de pensar no dia em que ela começasse a tomar consciência dessa invisibilidade. A Sra. Spragg não se

importava com a longa demora no que ao seu próprio caso dizia respeito — contava com grandes reservas de paciência fleumática. Mas, nos últimos tempos, tinha reparado que Undine começava a andar nervosa, e não havia nada que os pais de Undine temessem mais do que os nervos da filha. As palavras seguintes da Sra. Spragg acabaram por trair, de forma inconsciente, as suas apreensões maternas.

“Espero sinceramente que agora ela acalme”, murmurou, sentindo-se ela própria mais apaziguada à medida que a sua mão ia deslizando para a larga palma da Sra. Heeny.

“Quem? A Undine?”

“Sim. Parecia tão convicta de que o Sr. Popple apareceria aqui... Estava convencida de que ele viria cá esta manhã, a julgar pela forma como se comportou ontem à noite. Anda tão só, a pobrezinha... e quem sou eu para a culpar.”

“Oh, ele vai aparecer. As coisas não acontecem assim tão rápido em Nova Iorque”, disse a Sra. Heeny, fazendo deslizar alegremente o pincel do verniz.

A Sra. Spragg voltou a suspirar. “Parece-me bem que não. Dizem que os nova-iorquinos andam sempre numa correria; mas não posso dizer que tenham tido muita pressa em travar conhecimento connosco.”

A Sra. Heeny afastou-se para observar atentamente o resultado do seu trabalho. “Você espere, Sra. Spragg, você espere. Olhe que as coisas feitas muito à pressa acabam sempre por dar mau resultado.”

“Oh, lá isso é verdade... lá isso é que é!”, exclamou a Sra. Spragg, desta feita com uma ênfase trágica no tom, que fez com que a massagista erguesse o olhar para ela.

“Claro que é. E ainda mais em Nova Iorque. Um passo em falso e somos apanhadas numa ratoeira: assim que caímos nela, nunca mais de lá saímos, por mais que tentemos.”

A mãe de Undine soltou um novo suspiro, ainda mais desalentado do que os anteriores. “Quem me dera que fosse *você* a dizer isso à Undine, Sra. Heeny.”

“Oh, acho que a Undine está muito bem. Uma rapariga como ela pode dar-se ao luxo de esperar. E, se o jovem Marvell estiver realmente enamorado dela, não faltará muito até ela o ter à sua inteira disposição.”

Esta ideia reconfortante fez a Sra. Pragg entregar-se sem restrição aos cuidados da Sra. Heeny, cuidados esses que se prolongaram ao longo de

uma hora feliz em que não faltaram confidências; e tinha ela acabado de dizer adeus à massagista, ocupando-se então de colocar novamente os anéis nos dedos, quando a porta se abriu e apareceu o seu marido.

O Sr. Spragg fez a sua entrada em silêncio, pousando a cartola na mesa ao centro da sala e largando a sobrecasaca sobre um dos cadeirões dourados. Era um homem um tanto alto, com uma barba grisalha e ligeiramente curvado de ombros, com a figura algo desleixada do homem sedentário que até poderia passar por robusto se não fosse dispéptico; e os seus cautelosos olhos cinza, com uns salientes papos por baixo, eram adornados por umas sobrancelhas negras muito direitas que lembravam as da filha. O cabelo já bastante ralo caía-lhe um pouco mais do que a conta sobre a gola do casaco, e da pesada corrente de ouro que lhe atravessava o colete preto e amarrotado pendia um emblema maçônico.

Estacou a meio da sala, lançando um olhar demorado e exploratório sobre todo aquele vazio dourado; disse então com brandura: “Que tal, mãe?”

A Sra. Spragg permaneceu sentada, e contudo os seus olhos demoraram-se nele com uma expressão afetuosa.

“A Undine foi convidada para um jantar; e a Sra. Heeny diz que se trata de uma das famílias mais prestigiadas. É a irmã de um daqueles cavalheiros que a Mabel Lipscomb lhe apresentou ontem à noite.”

Havia uma ligeira nota de triunfo no seu tom de voz, uma vez que tinha sido por causa da sua insistência, juntamente com a de Undine, que o Sr. Spragg acabara por deixar a casa que haviam comprado em West End Avenue, decidindo então mudar-se com a sua família para o Stentorian. Desde cedo que Undine se convencera de que jamais conseguiriam subir na sociedade enquanto continuassem a ter uma casa “para governar” — todas as pessoas elegantes que conheciam ou viviam em regime de pensão completa ou moravam em hotéis. Tinha sido fácil persuadir a Sra. Spragg a adotar este ponto de vista, mas o Sr. Spragg mostrara alguma resistência, uma vez que à época se achara incapaz de vender ou arrendar a sua casa da forma vantajosa que inicialmente esperara. Durante uns tempos, já depois de se terem mudado, tudo parecia fazer crer que, afinal de contas, ele tivera razão e que seria igualmente difícil dar os primeiros passos na sociedade, habitassem eles num hotel ou em casa própria; assim, a Sra. Spragg estava desejosa de contar que Undine tinha efetivamente recebido o seu primeiro convite para um convívio em sociedade debaixo do teto do Stentorian.